



O SOFRIMENTO DAS MENINAS NO BRASIL: VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E SUBALTERNIDADE

Vanessa Maria de Castro, Wellington Lourenço e discentes – PPGDH/UNB

GT 2: Democracia, Conjuntura Política, Sofrimento e Resistências

RESUMO:

Este ensaio analisa a violência contra meninas no Brasil como fenômeno estrutural enraizado em relações desiguais de poder que mercantilizam e submetem seus corpos a diversas formas de exploração. A investigação, de natureza teórico-conceitual, articula perspectivas feministas interseccionais, decoloniais e psicanalíticas para compreender como o patriarcado, o racismo e o capitalismo se entrelaçam na produção do sofrimento feminino infantil. O estudo demonstra que meninas negras, indígenas e LGBTQIA+ são as principais vítimas desse sistema opressor, sendo tratadas como mercadorias descartáveis. A metodologia inclui a análise de dados oficiais e a construção do "Relógio do Sofrimento", instrumento que quantifica a violência em escala temporal, revelando que a cada 10 minutos uma menina sofre violência sexual e a cada 50 horas uma é vítima de feminicídio. Dialogando com autoras como Rita Segato, Silvia Federici, bell hooks e Lélia Gonzalez, o ensaio evidencia como a violência contra meninas não é episódica, mas estruturante das desigualdades brasileiras. Conclui-se pela urgência de políticas públicas interseccionais e pela desconstrução das normas patriarcais e falocêntricas que sustentam essa violência.

Palavras-chave: Meninas, Violência Estrutural, Patriarcado, Interseccionalidade, Direitos Humanos.



1. INTRODUÇÃO

A violência contra meninas no Brasil não é uma questão emergencial, mas manifestação de uma estrutura social profundamente desigual que mercantiliza e submete seus corpos a diversas formas de exploração. Esta investigação justifica-se pela urgência em compreender as múltiplas dimensões desse fenômeno, que se apresenta sob formas de abuso físico, psicológico, sexual e institucional, como consequência direta de uma organização patriarcal, racista e capitalista persistente desde o período colonial. O objetivo central é demonstrar como o sofrimento das meninas é estruturalmente produzido e naturalizado por relações de poder desiguais. A metodologia adotada combina análise teórica de base interdisciplinar com a sistematização de dados oficiais, culminando na construção do "Relógio do Sofrimento" como instrumento de visualização da magnitude do problema. O ensaio desenvolve-se através da articulação entre perspectivas feministas interseccionais, decoloniais e psicanalíticas, oferecendo uma compreensão abrangente das dinâmicas de opressão que atingem especialmente meninas negras, indígenas e LGBTQIA+.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Patriarcado e Falocentrismo: Bases Estruturais da Violência

A violência contra meninas deve ser compreendida a partir das estruturas patriarcais e falocêntricas que organizam as relações de poder na sociedade brasileira. O patriarcado, enquanto sistema social que privilegia homens e masculinidades hegemônicas, consolida desigualdades de gênero que se perpetuam historicamente (SAFFIOTI, 2015). Já o falocentrismo, no sentido psicanalítico desenvolvido por Freud e Lacan, refere-se à centralidade do falo como significante estruturante do desejo e da subjetividade, estabelecendo uma hierarquia simbólica que reduz o feminino à condição de incompletude (LACAN, 1985). Essa dupla dimensão sustenta a lógica de dominação que reduz as meninas a objetos de desejo e exploração.



2.2 Interseccionalidade e Colonialidade: A Especificidade das Opressões

A análise interseccional, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw e ampliada por Patricia Hill Collins (2019), revela como raça, gênero e classe se entrelaçam criando experiências únicas de opressão. Para meninas negras e indígenas, a colonialidade do poder (QUIJANO, 2000) acrescenta uma dimensão histórica de dominação que naturaliza a violência contra seus corpos. Lélia Gonzalez (1984) demonstra como o racismo e o sexismo operam conjuntamente, tornando essas meninas alvos preferenciais da exploração sexual e do trabalho infantil.

2. METODOLOGIA

Este ensaio foi desenvolvido através de metodologia de pesquisa teórico-conceitual e análise bibliográfica, compreendendo as seguintes etapas:

- 1ª) Revisão sistemática da literatura fundamental sobre violência de gênero, patriarcado e interseccionalidade;
- 2ª) Análise crítica de dados oficiais sobre violência contra meninas, obtidos através do Disque 100, Ligue 180, Fórum Brasileiro de Segurança Pública e IBGE;
- 3ª) Construção do "Relógio do Sofrimento" como instrumento de quantificação temporal da violência;
- 4ª) Articulação interdisciplinar entre perspectivas feministas, decoloniais e psicanalíticas.

O trabalho envolveu a coleta e sistematização de dados dos últimos cinco anos (2019-2023), com projeções horárias que permitem visualizar a frequência e magnitude do problema. A execução estendeu-se por quatro meses, incluindo fases sucessivas de revisão e aprimoramento conceitual.



3. RESULTADOS/DISCUSSÃO

A análise desenvolvida permitiu identificar três eixos centrais na compreensão da violência contra meninas no Brasil:

3.1 A Magnitude da Violência: Dados e Estatísticas

O "Relógio do Sofrimento" revela a alarmante frequência da violência contra meninas: a cada 10 minutos, uma menina sofre violência sexual (5,7 casos por hora), totalizando 50.000 casos notificados anualmente (DISQUE 100, 2023). A cada 50 horas, uma menina é vítima de feminicídio (200 casos anuais - FBSP, 2023). Esses números, somados às 70.000 denúncias anuais de violência física e psicológica (LIGUE 180, 2022), evidenciam a dimensão epidêmica do problema.

3.2 Interseccionalidade das Opressões

Os dados demonstram desproporcionalidade alarmante: meninas negras têm 3,2 vezes mais risco de violência sexual (UNICEF, 2021) e representam 78% das vítimas de feminicídio (FBSP, 2023). Meninas trans enfrentam situação ainda mais grave: 60% são expulsas de casa antes dos 18 anos (IBTE, 2023) e 55% tentam suicídio (Pesquisa Nacional sobre Saúde LGBTQIA+, 2022). Esses números confirmam a interseccionalidade das opressões analisada por Collins (2019).

3.3 Violência Institucional e Omissão Estatal

A impunidade estrutura o ciclo de violência: apenas 8% dos casos de violência sexual resultam em condenação (CNJ, 2023) e 57% dos municípios não possuem delegacias especializadas (FBSP, 2023). Essa omissão estatal configura o que Rita Segato (2016) denomina "pedagogia da crueldade", onde o Estado atua como agente de reprodução da violência.



Estes resultados convergem com a literatura especializada, mas acrescentam a especificidade da articulação entre dados empíricos e análise teórica, demonstrando como a violência contra meninas é simultaneamente concreta e simbólica, material e psíquica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio alcançou seu objetivo de demonstrar o caráter estrutural da violência contra meninas no Brasil, evidenciando como este fenômeno está enraizado em relações desiguais de poder que atravessam gênero, raça e classe. Os resultados confirmam que meninas negras, indígenas e LGBTQIA+ são as principais vítimas de um sistema que as trata como corpos descartáveis. O "Relógio do Sofrimento" mostrou-se instrumento eficaz para visualizar a magnitude e urgência do problema. As principais contribuições do trabalho residem na articulação original entre análise empírica e perspectivas teóricas interseccionais, decoloniais e psicanalíticas. Como limitação, reconhece-se a dependência de dados oficiais, sabidamente subnotificados. Para pesquisas futuras, sugere-se a investigação de estratégias específicas de resistência e sobrevivência desenvolvidas por meninas em contextos de vulnerabilidade. Conclui-se pela urgência de políticas públicas interseccionais que considerem as especificidades desses grupos e pela desconstrução das normas patriarcais e falocêntricas que sustentam a violência contra meninas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill. ***Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento***. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). ***Anuário Brasileiro de Segurança Pública***. São Paulo: FBSP, 2023.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223-244, 1984.
- LACAN, Jacques. ***O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise***. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.



QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

UNICEF. **Relatório sobre violência contra crianças negras no Brasil**. Brasília: UNICEF, 2021.